

CÍRCULOS DE CULTURA E OFICINA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA PROMOÇÃO DE (IN) FORMAÇÃO EM MOVIMENTO SOCIAL, ESPAÇOS MULTIRREFERENCIAIS DE APRENDIZAGENS

Alício Rodrigues Matos 1 (UNEB)
aliciomatos@hotmail.com

Vangivaldo de Menezes Souza 2 (UNEB)
souzavangivaldo@hotmail.com

Rosangela Lima de Neves Rodrigues 3 (IF Baiano)
rlnrodrigues@gmail.com

Erick Pereira Silva 4 (UNOPAR)
erick_silva4@hotmail.com

Gevaldo Araújo dos Santos 5 (UNEB)
gevaldosantos@hotmail.com

RESUMO

Este artigo, descreve a importância dos círculos de cultura e das oficinas como proposta desenvolvida junto a metodologia de pesquisa-ação. As estratégias utilizadas, junto a trabalhadores rurais, assentados foi fundamental para a construção de uma proposta interativa, e colaborativa na localidade. Essa buscou dar resposta ao problema enfrentado na localidade, quanto a exploração dos recursos naturais, uso de agrotóxico e a contaminação, criando na população local, novas mentalidades e fortalecendo os espaços populares como espaços multireferencial e de difusão. Objetivamos com essa proposta, contribuir com a importância dos círculos de cultura e das oficinas como mecanismos de difusão de conhecimentos ambientais e a participação de trabalhadores rurais, bem como a apropriação de conhecimentos significativos para as práticas de agricultura em área de movimento social por meio da educação não formal. Os resultados expressam o desconhecimento dos trabalhadores com relação aos temas ambientais, o que se conclui pela importância dessa proposta na localidade para o fortalecimento de ações, difusão, e novos valores culturais relacionados ao meio ambiente.

Palavras-Chave: Círculos de Cultura e Oficinas. Educação Ambiental. Trabalhadores Rurais em Movimento Social.

ABSTRACT

This article describes the importance of culture circles and workshops as a proposal developed along the action research methodology. The strategies used, with rural workers, settled was fundamental for the construction of an interactive proposal, and collaborative in the locality. This sought to respond to the problem faced in the locality, as the exploitation of natural resources, use of pesticides and contamination, creating in the local population, new mindsets and strengthening popular spaces as multi-referential and diffusion spaces. The objective of this proposal is to contribute to the importance of culture circles and workshops as mechanisms for the diffusion of environmental knowledge and the participation of rural workers, as well as the appropriation of significant knowledge for agriculture practices in the social movement area through non formal education. The results express the workers' lack of knowledge about environmental issues, which concludes by the importance of this proposal in the locality for the strengthening of actions, diffusion and new cultural values related to the environment.

Keywords: Culture Circles and Workshops. Environmental Education. Rural Workers in Social Movement.

CÍRCULOS DE CULTURA E OFICINA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA PROMOÇÃO DE (IN) FORMAÇÃO EM MOVIMENTO SOCIAL, ESPAÇOS MULTIRREFERENCIAIS DE APRENDIZAGENS

INTRODUÇÃO

Os temas relacionados as questões ambientais, a cada dia se tornam mais pertinente e necessário sobretudo no momento atual, o que se tem percebido é uma infinidade de situações agressivas contra o meio ambiente. Ecossistemas inteiros estão sendo ameaçados sobretudo pela proposta de exploração predatória dos humanos.

A submissão capitalista e econômica, tem forte influência nessa dimensão. Buscando justificar muitos dos desmandos e agressões a natureza em nome do desenvolvimento econômico, atrelados às políticas de fragilização das leis de proteção ambiental. A construção dos valores, nesse sentido em meio a sociedade, passa a representar uma cultura própria do descuidado, do mau zelo, da exploração indevida e da insustentabilidade dos recursos naturais.

A forma como o homem vem explorando a natureza, sem sombra de dúvidas, daqui a mais alguns anos, poderão ter consequências catastróficas. O ser humano, por vezes aparenta não ter compreensão sobre os fatos, mesmo quando muitos desses são públicos e vem sendo veiculados constantemente nos meios de comunicação. O que se tem percebido é que um posicionamento mais crítico e consciente da população para as questões ambientais, tem sido construído dos processos formativos e práticos, na base da educação não formal, que os conhecimentos aprendidos na escola regular, onde o sujeito apenas fala sobre o problema, mais não vive diretamente o contexto explorado.

Os espaços rurais em diferentes dimensões geográficas do país, na maioria das situações percebidas, são espaços multirreferenciais de aprendizagem e ocupados por grupos de trabalhadores, muitos deles originários de lutas sociais. A conquista da terra deu a essas pessoas uma nova dimensão de pensar a sua condição de vida, da localidade, do desenvolvimento econômico, mas também, poucas condições de educação, sobretudo ambiental. E o que se percebe é que muitas áreas possuidoras de reservas naturais, berçários da fauna e da flora, tem

gradativamente se perdido, em decorrências de áreas para abertura de campos para pastagens, venda ilegal de madeiras, ampliação do agronegócio dentre outras atividades econômicas.

Não se quer com essas afirmações atribuir culpados, no entanto, o que se percebe é que em diferentes estágios e camadas sociais, direta ou indiretamente, os homens e a sociedade, vem negligenciando o tema referente as questões ambientais.

Nesse sentido, esta proposta aborda como problema: a relação cultural de exploração dos recursos naturais, a falta de posicionamento crítico da sociedade no processo de formação de novas mentalidades sobre o tema, bem como a importância do contexto de formação juntos aos grupos populares assentados.

O objetivo principal deste trabalho é demonstrar a importância dos círculos de cultura e das oficinas como mecanismo para difusão do conhecimento, numa pesquisa sobre meio ambiente e as práticas de utilização constantes de agrotóxico, realizada com trabalhadores rurais, na atividade da agricultura para apropriação de saberes significativos por meio da educação não formal em movimento social.

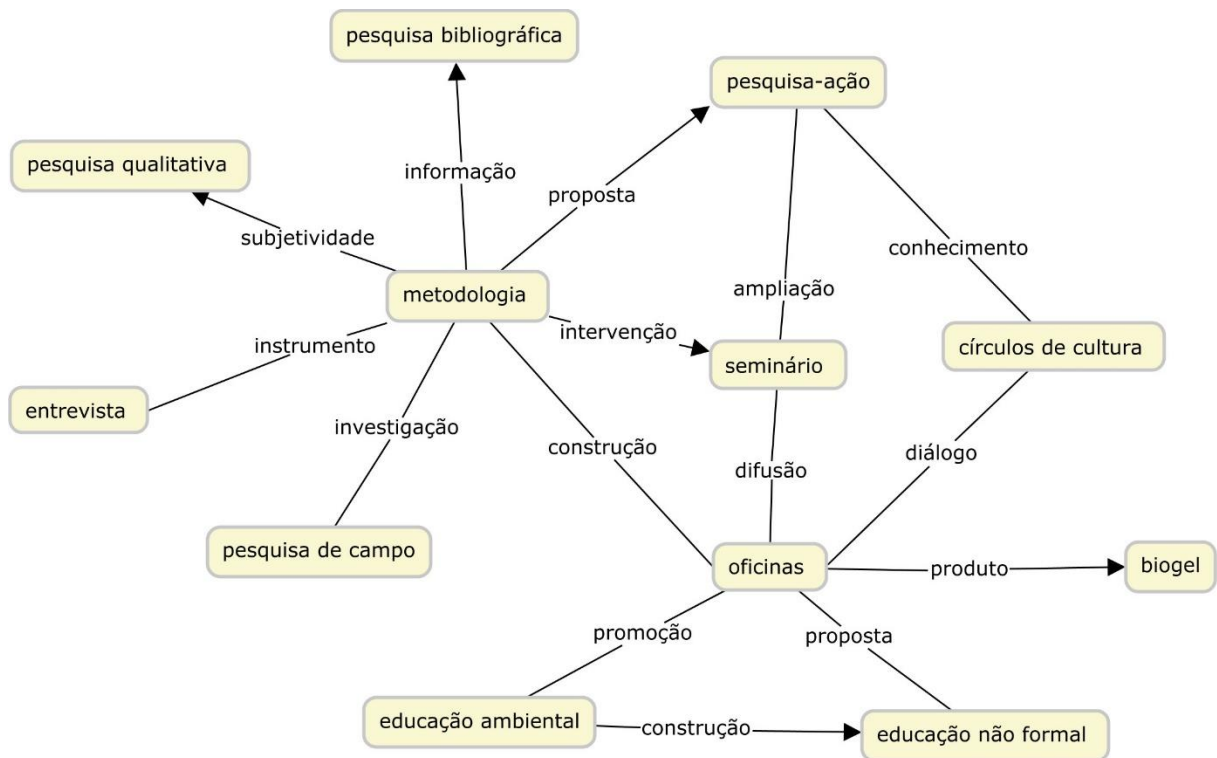
2. Círculos de cultura¹ e oficina, como estratégia metodológica para conhecimentos ambientais.

O percurso metodológico adotado nessa construção, tem uma dimensão muito flexível, embora em alguns momentos tenham apresentados complexidades na excursão por envolver uma sequência de ações, considerando a temporalidade e por envolver diferentes sujeitos dentro de um mesmo contexto.

A figura abaixo é representativa de como ocorreu a metodologia nessa proposta de pesquisa.

¹ Os Círculos de Cultura estão fundamentados em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto. Para Freire, essa concepção promove a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade, contrapondo-se em seu caráter humanístico, à visão elitista de educação. (Dantas, 2010, p. 75).

Figura 1 – esquema metodológico.



Fonte: Matos (2019).

A ideia principal era a valorização também dos saberes etnográficos desses participantes, considerando que são trabalhadores e trabalhadoras que a maior parte de suas histórias de trabalho e de vidas, lhes deram habilidade para lidar com a terra e exercem a agricultura familiar como características da cultura de subsistência. Para Souza e Santos (2012, p. 27), “ O conhecimento deriva de um pertencimento étnico-ético e cultural histórico, não é um objeto dado a ser criado exterior a um contexto, comprado, possuído ou vendido como um equipamento de produção, uma máquina, ou mesmo um imóvel”.

De acordo com Minayo (2001), quando trata de métodos e criatividade diz que:

Diferentemente da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular. A esse ritmo denominamos ciclo da pesquisa, ou seja, um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações. (MINAYO, 2001, p. 25-26).

Esta proposta de metodologia com características de pesquisa social, traz em sua abordagem uma dimensão muito mais qualitativa, onde o foco maior do entendimento está em questões mais subjetivas, próprias da vida diária, das dinâmicas e estratégias de trabalho. Segundo Richardson (2015), nas pesquisas sociais e qualitativas,

os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 2015, p. 80).

Nesse sentido, a escolha pelos círculos de cultura nessa proposta, adota uma dimensão contemplativa e importante na trajetória, considerando sobretudo as inter-relações, a multirreferencialidade do espaço, a pertinência da temática, os processos formativos pela educação não formal como estratégia de promover uma discussão atual, pertinente e necessária na localidade. Além disso o entendimento alinhado com a prática e o problema observado.

Segundo Gadotti, (2012, p. 10), “não dá para falar de uma educação em geral, separando-a de seu contexto histórico. É preciso qualificar de que educação estamos falando, a partir de que ponto de vista. E como todo ponto de vista é a vista de um ponto, precisamos indicar de que lugar, de que território, estamos falando”.

Nessa dimensão Freire (1988, p. 9) diz que: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Assim, a percepção da realidade pelos atores sociais, implica na compreensão do problema percebido e vivenciado, e nas relações entre contexto e vivência, contexto e existência, trabalho e cultura, percepção, ação e transformação.

Segundo Ander-Egg (1990).

Las vivencias de experiencias que expresan la sabiduría popular, no sólo aportan al conocimiento de la realidad que es motivo de estudio, también ayudan a los investigadores o promotores a la comprensión de los problemas estudiados, vistos desde la perspectiva que la gente del pueblo tiene de ellos. Se supera el error propio de los intelectuales de creer que se puede saber sin comprender, y sin sentir las pasiones elementales del pueblo. Esto crea, como explica Gramsci: «Una conexión orgánica en la cual el sentimiento-pasión se convierte en comprensión y, por lo tanto, en

saber (no mecánicamente, sino de un modo vivo)». Constituye una forma de democratización o socialización del saber, producida por la transferencia de conocimientos (saberes que se comparten) y de tecnologías sociales (capacidades de actuación que se adquieren). Con esto se contribuye a crear poder popular conforme a aquello de que «conocer es poder», ya que los sectores populares van adquiriendo dominio y comprensión de los procesos y fenómenos sociales en los que están insertos, y de la significación de los problemas que les aquejan. (ANDER-EGG, 1990, p. 34).

Percebe-se a necessidade de integrar as pessoas para democratização dos saberes e da cultura. As vivências, bem como experiências representam uma sabedoria popular e os que promovem ciência, precisam integrar-se a esses meios, para sentir o problema e as pessoas, elementos dessa teia de conexão orgânica, complexa e social. A partir do que expõe Jacobi (2003, p.191), “ a realidade atual exige uma reflexão cada vez menos linear e isto se produz na inter-relação dos saberes e das práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias diante da reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes”.

Os círculos de cultura nessa dimensão se fortalecem pela necessidade de evidenciar o saber popular e contribui para a produção de novas discussões científicas. Quando valorizamos os saberes, a cultura popular, contribuimos também para fortalecer a histórias de cidadão muitos ainda analfabetos, excluídos e oprimidos. Em outra dimensão contribuimos para processos de conscientização e difusão. Segundo Freire (1980, p. 25), “[...] a educação, como prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”.

3. Círculos de cultura e oficina

A ideia de junção entre círculos de cultura e oficina, desfaz um pouco a concepção linear do padrão de metodologias duras, rígidas normalmente aplicadas em pesquisas científicas. Essa proposta se caracteriza como algo dinâmico e gradativo. Para Freire (1988), normalmente os pesquisadores vão as áreas populares, armados com seus modelos e esquemas teóricos de pesquisas, sem muita preocupação sobre os conhecimentos prévios que possuem os sujeitos analisados, nem como aprenderam sobre o mundo e as suas diferentes linguagens.

Daí a necessidade de juntar as oficinas com os círculos de cultura, para tratar dos temas relacionado ao meio ambiente e a qualidade de vida na localidade.

Segundo Candau (1999, p. 11), “as oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas [...]”. Por meio dessas duas práticas integradas, permitiu se construí junto a esses sujeitos, um mundo de significados muito próprio, em confronto com as suas práticas e as suas observações a partir do mundo real.

O foco principal do círculo de cultura está no diálogo. Por ele, se cria novos processos mentais e cognitivos, de ver, perceber, compreender e interferir. Tanto quanto, de modo individual ou coletivo, há um despertar para a criticidade, que cedo ou tarde, resulta em uma nova mentalidade, ações e respostas à realidade apresentada. Durante esse processo, não há supremacia de conhecimento e sim uma partilha de saberes numa reciprocidade de aprendizado. O conhecimento se dá pela partilha, um processo contínuo de comunhão. Freire (1992, pp. 91-97), diz que: “Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu caminho que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao caminho que estão fazendo e que assim os refaz também”.

Foram realizados três círculos de cultura no movimento social, Associação dos Trabalhadores da Agricultura de Cravolândia, localizada na Fazenda Palestina, nessa localidade vivem aproximadamente cento e oitenta famílias, formada por agricultores assentados. A localidade se destaca pela prática da agricultura e da criação de bovinos e suínos em pequena quantidade.

Um das práticas mais comuns e que desperta a necessidade de intervenção junto a esses trabalhadores é a utilização de agrotóxicos de modo indiscriminado e sem compreender de maneira clara os malefícios desses componentes químicos para a saúde da população através da contaminação dos alimentos e do ecossistema. Foram realizados círculos de cultura conforme descrito abaixo:

4. Círculos de Cultura I, II e III

No primeiro círculo de cultura o projeto foi apresentado a comunidade, num total de quarenta e quatro pessoas. O foco principal era à observação das discussões dos sujeitos que participaram da pesquisa, de modo a perceber o que

eles poderiam reconhecer como problemas ambientais de maior abrangência na localidade. Para Freire (2003), nesses círculos de cultura, o diálogo é o cerne da questão.

Nesse círculo se prepara para a vida crítica e sociedade e para a redescoberta do próprio ser humano como tal e como ser social, que vive em permanente contato com os seus próprios limites e com as suas potencialidades no encontro e no confronto com o outro, com quem disputa poder, mas que ao mesmo tempo, reconhecendo-se diferente, ao se relacionar, se reconhece melhor no outro e, com a ajuda dele, enxerga melhor a si mesmo e pode, por conseguinte, intervir crítica e radicalmente no contexto, no mundo em que vive. (FREIRE, 2003, p. 171).

A ideia não era levar uma proposta pronta, mas com o grupo traçar o direcionamento e com eles construir um caminho colaborativo de pesquisa, tendo como tripé a oralidade, a conscientização e a mudança de comportamento.

A segunda etapa do estudo, se tornou mais consistente, à medida que já havia um entendimento dos colaboradores do que se tratava a pesquisa, qual era o foco e como seria a participação deles no estudo. Além disso, o pesquisador também se tornou confiável para o grupo, isso facilitou as pesquisas de campo bem como as ações posteriores que se desenvolverem no percurso, fundamentadas na pesquisa ação. Para Thiollent (2009),

Nesse caso não se trata apenas de resolver um problema imediato e sim desenvolver a consciência da coletividade nos planos político e cultural a respeito dos problemas importantes que enfrentam, ... O objetivo é tornar mais evidente aos olhos dos interessados a natureza e a complexidade dos problemas considerados." (THIOLLENT, 2009, p. 21).

Todas as atividades foram desenvolvidas sempre na sede da associação. Nelas foram apresentados aos trabalhadores em círculos de cultura, *slides* com questões ambientais e o risco da utilização dos agrotóxicos. Nessa fase, eles discutiram as suas práticas, justificaram o uso do agrotóxico, relataram não usar equipamentos de proteção, bem como algumas das culturas e pragas que mais atacam as culturas na localidade. Essa proposta de ação Thiollent (2007, p. 95), salienta: "é bom lembrar que a principal vocação da pesquisa-ação é principalmente investigativa, dentro de um processo de interação entre pesquisadores e população interessada, para gerar possíveis soluções aos problemas detectados".

A terceira etapa dos círculos de cultura, consistiu na realização de um seminário com foco nas questões ambientais e seguido de uma oficina para produção do Biofertilizante (Biogel), um composto natural, que poderia ser utilizado

como estratégia, de fertilização das plantações, sendo também eficaz no combate a uma variedade de pragas que contribui para o insucesso das lavouras.

Para Matos, Souza e Sousa (2017) trazem que:

A problemática sobre as questões ambientais possui dimensões amplas e não apenas precisa ser vista pelo viés científico, mas também, político e social. Neste sentido deve haver um esforço conjunto da humanidade em criar uma compreensão de que os recursos naturais são bens coletivos e sem uma visão integrada, não será possível construir essa relação equilibrada. (MATOS, SOUZA e SOUSA, 2017. p.5).

Essa ação contou com a colaboração direta dos agricultores que se responsabilizaram com a coleta de material e dos compostos que seriam utilizados na produção. Dentre eles: um reservatório com capacidade para duzentos e cinquenta litros, cento e cinquenta litros de água sem cloro, trinta litros de urina de vaca, cinco cocos verdes, uma dúzia de ovo de galinha, cinco litros de leite de vaca, quarenta Kg de esterco de vaca, vinte Kg de calcário dolomítico, cinco cana de açúcar.

Fotografias 1- e 2: oficina para produção do Biofertilizante (Biogel).



Fonte: Matos (2018)



A prática ocorreu de modo circular e colaborativo na sede da associação. Cada trabalhador era chamado a inserir um ingrediente dentro do reservatório, ao mesmo tempo que era explicado para os demais do grupo porque usar aquele produto e a quantidade corretamente. Toda essa prática, foi supervisionada por um colaborador com formação em Engenharia Agrônoma. Para Candau (1999. p. 12 e 13), “o desenvolvimento das oficinas, em geral, se dá através dos seguintes momentos básicos: aproximação da realidade/sensibilização, aprofundamento/reflexão, construção coletiva e conclusão/compromisso.

Esse processo formativo visava a adoção de um novo conhecimento junto aos trabalhadores, de modo a amenizar os problemas relatados por eles na localidade. As oficinas capacitam os sujeitos de forma prática, lhes permitindo posterior autonomia na execução de novas ações no exercício do seu trabalho. Essa proposta integrada ao grupo social em questão é uma estratégia de educação não formal em movimento social, segundo Matos, Souza e Sousa (2018),

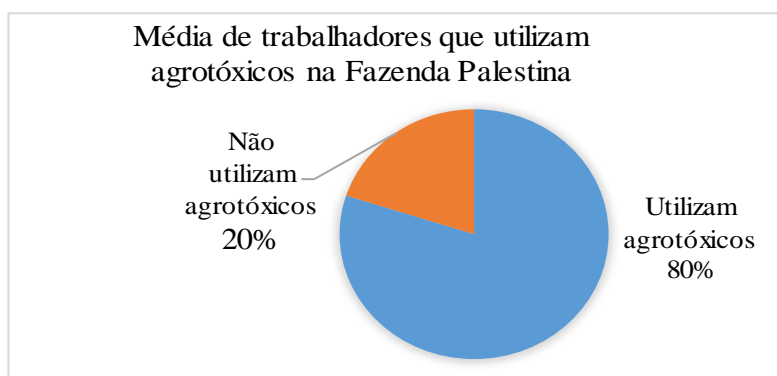
Decorre pensar em uma educação, não apenas voltada para as demandas mercadológicas e cientificista, mas também humana, na garantia do respeito às diferenças, da formação dos sujeitos éticos e humanistas, imbricado no cuidado com a formação de gente, da valorização dos povos, das suas histórias, as lutas sociais para garantia dos direitos a formar-se com qualidade, a participação social e a posse da terra como bem maior de reconhecimento de sua gente. (SOUZA; MATOS; SOUSA, 2018. p. 5).

Ao final da prática, um grupo de trabalhadores ficou responsável em fazer a coagem do produto, decorridos trinta dias da maturação e promover a separação em vasilhames menores. Todos os vasilhames foram garrafas utilizadas para água mineral, na tentativa de evitar qualquer contaminação do produto. Além disso, os recipientes foram vedados e fixados rótulos, com o nome do projeto, o responsável pela pesquisa e data de fabricação. Em seguida, foi entregue em uma assembleia na localidade aos trabalhadores e demais pessoas da comunidade que manifestaram interesses em fazer uso do produto como estratégias de descontinuidade dos agrotóxicos.

5. Resultados e considerações

Os resultados nesses estudos também são demonstrados em quadros e gráficos, de modo a elucidar melhor a compreensão da trajetória dos processos de coleta, análise e tabulação dos dados pesquisados.

Gráfico 1 - Média de trabalhadores que utilizam agrotóxicos

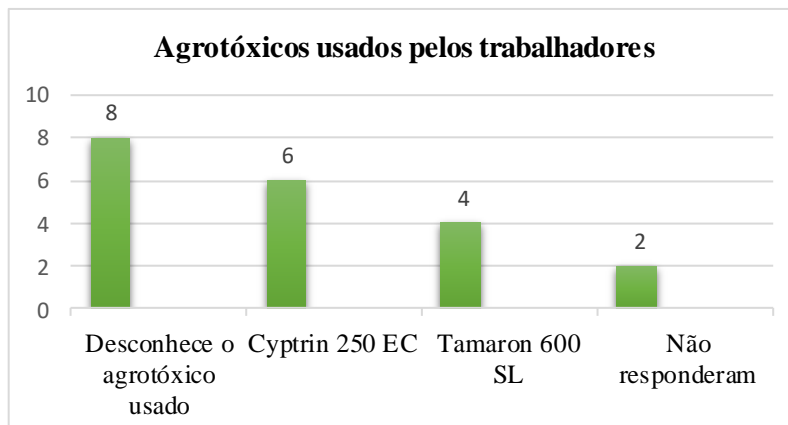


Fonte: Matos (2018).

Segundo dados do estado de Matos (2018, p. 132), é descrito que “quando verificada a utilização de agrotóxicos se observou que 40% dos entrevistados desconheciam os produtos utilizados, 30 % utilizaram pelo menos um tipo diferente de agrotóxico, 20% do grupo dos organofosforados, e 10%, não responderam temendo exposição”.

O gráfico abaixo faz referência a utilização do agrotóxico, na localidade e a banalização com relação aos riscos para a saúde, a vida do trabalhador e o comprometimento das áreas onde são usados esses componentes.

Gráfico 2 - Relação do trabalhador com o agrotóxico na localidade



Fonte: Matos (2018).

A partir de outras observações feitas nos dados da pesquisa, é possível afirmar que o mesmo agricultor utilizou tipos diferentes de agrotóxicos e os que possuíam alguma informação real sobre o produto, compreendiam bem as informações contidas nos rótulos, além disso, não era o aplicador direto do produto nas plantações. Outros agricultores, preferiram não responder quanto ao uso, mas na visita de campo foi possível perceber a utilização e o descarte irregular do material a céu aberto no mesmo ambiente de produção e cultivo.

O quadro abaixo é um recorte dos resultados da pesquisa de Matos (2018), que traz os relatos dos agricultores, fazendo referência ao contato com o produto sem a utilização dos equipamentos de proteção individual - EPIs.

Quadro 1 - Fala banalizada dos trabalhadores com relação ao uso do agrotóxico

Colaboradores	Falas dos sujeitos sociais
Agricultor (C)	Já estou calejado, o veneno já está no corpo e não provoca mal mais não.
Agricultor (D)	Eu nunca tive nada. Trabalho desde pequeno em roça. Já ouvi falar que faz mal, mas eu mesmo nunca tive nada.
Agricultor (E)	Não tem outro jeito, já estou acostumado a isso. Se envenena a gente procura o médico.

Fonte: Matos (2018)

A falta de uma compreensão crítica referente aos problemas ambientais, não traz apenas consequências para o meio ambiente. Banalizar as práticas de degradação, sobretudo as de uso de agrotóxicos, se constitui um problema de saúde pública em decorrência da possível contaminação que pode ocorrer nos alimentos, nas fontes de água potável, na carne, no leite etc. De acordo com Lordes (2011, p. 26) “ são inúmeros os relatos de pessoas que desenvolveram serias doenças provocadas pelos agrotóxicos. Muitas deixam sequelas graves. Muitas outras são fatais”. Dentre os relatos mais comuns estão má formação fetal, doenças agudas, subagudas e crônicas, para os que manipulam e tem contato direto, tanto quanto para os que se contaminam, mesmo não manipulando, apenas por residirem próximo as áreas agricultáveis.

A pesquisa-ação, nesse estudo, permeado pelos círculos de cultura, o seminário e a oficina, assumiu uma dimensão social, com a formação de uma cultura do cuidado e da responsabilidade ambiental, da saúde e do bem-estar físico biológico da população. A base desse processo foi o diálogo, como o canal para a difusão de conhecimentos que conseqüentemente cedo ou tarde poderá criar uma nova mentalidade, nos modos de trabalho, convívio, exploração dos recursos naturais e uso de agrotóxico na localidade.

Referências

- ANDER-EGG, Ezequiel Ander-Egg. **Repensando la Investigacion-accion participativa Comentarios, críticas y Sugerencias**. Edita: Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco. C/ Duque de Wellington, 2 - 01011 Vitoria-Gasteiz. 1990.
- CANDAU, Vera Maria. **Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos, Educação em Direitos Humanos: Uma Proposta de Trabalho**. Novameria/PUC-Rio – 1999. Disponível em: acessado em 11/08/2019.
- DANTAS, V. L. A. Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza. 2010. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Alfabetização e cidadania**. Cortez Editora – São Paulo, 1988.
- FREIRE, Ana M. Notas. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- Freire, P. (2003). *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire.
- GADOTTI, MOACIR. GADOTTI, M. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária*. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012.
- JACOBI, PEDRO. EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CIDADANIA E SUSTENTABILIDADE. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, março/ 2003 *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 189-205, março/ 2003.
- Londres, Flavia *Agrotóxicos no Brasil: um guia para ação em defesa da vida*. – Rio de Janeiro: AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa, 2011.
- MATOS, Alício Rodrigues. *Círculos de Cultura na Educação de Jovens e Adultos: ambiente, agrotóxicos e saúde com trabalhadores da agricultura, assentados da Fazenda Palestina, Cravolândia-BA/ Alício Rodrigues Matos*.-- Salvador, 2018.
- MATOS, Alício Rodrigues; SOUZA, Vangivaldo de Menezes et al. **Educação e Movimentos Sociais: A alfabetização de jovens e adultos através da gestão da associação da Fazenda Sardinha e Manteiga no município de Muritiba (BA)**. Gestão, qualidade de ensino e formação do educador da EJA/organizado por Antônio Amorim...[et al.]. – Salvador: EDUFBA, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

SOUSA, L.S. de; SANTOS, L.C. **Veredas da Gestão do Conhecimento**. Pesquisa – Educação & Desenvolvimento Regional. EDUNEB. Salvador-BA- Brasil, 2012.

SOUZA, Vangivaldo de Menezes, Alício Rodrigues Matos, Leliana Santos de Sousa. **A EJA como espaço de inclusão e acesso a conhecimentos ambientais para uma formação cidadã**. Educon, Aracaju, Volume 11, n. 01, p.1-9, set/2017 | www.educonse.com.br/xicoloquio. Disponível em: http://anais.educonse.com.br/2017/a_eja_como_espaco_de_inclusao_e_acesso_a_conhecimentos_ambientais.pdf. Acessado em: 11/08/2019.

THIOLLENT, Michel. Generosa de Oliveira Silva. **Metodologia de pesquisa-ação na área de gestão de problemas ambientais**. RECIIS. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.93-100, jan.-jun., 2007.

_____, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. / **Metodologia da Pesquisa**. / Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis. 2. ed. — Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

